

Da Optimismo

A Hanid Estela

«Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.»

FERNANDO PESSOA

Nenhum rapazinho da sua idade, Hanid Estela, veio ainda ao «Sol-Nascente» responder às suas considerações sobre a maldade dos homens, de nós, os homens—diz V., para que aquilo não parecesse uma banal queixa de mulher.

Era natural que isto acontecesse porque o «Sol-Nascente» queria uma resposta optimista que mostrasse o lado belo da vida. Ora é difícil nesta época caótica que atravessamos cantar a alegria de viver e é-o, sobretudo, a um adolescente por fatalidade de circunstâncias.

Na adolescência—tam linda idade para quem a vê de fora!—míl inquietações nos sobressaltam e míl angústias nos oprimem. Há o esforço surdo para romper o véu, para nascer de novo, para achar o caminho. Nada consegue fixar-nos, ninguém nos compreende. E' uma torturada vida interior, mais ou menos intensa em cada um, que nos sufoca e nos impede de achar o equilibrio.

Mas eu não quero, Hanid, do alto do meu primeiro cabelo branco, tomar para consigo a atitude dos recheados de psicologia e dizer com ares de entendida: «E' da idade».

Não, Hanid Estela. O seu pessimismo tem nome. Não são aquelas queixas indefinidas dos adolescentes da minha geração, aquele contemplar dos poentes, sentindo que alguma coisa morria também dentro de nós antes de ter vivido. O seu ideal é um ideal de bondade, de justiça e de Amor universal. Para as raparigas do meu tempo (e para quantas de agora?) o ideal era um rapazinho alto, de olhos negros e cabelos às ondas.

Foi por pensar neste contraste que resolvi—não substituir o mocinho de quinze anos, mas apenas conversar consigo.

Longe de mim, porém, contrariar o que Hanid disse; é tudo verdade, menos talvez pelo que respeita aos passarinhos pois se lhes tira o diminutivo e lhes chama pássaros, encontra-los-á duma crueldade mais que humana. Ah! mas o que é certo é que se não fecham uns aos outros em gaiolas. Ia-me esquecendo desta particularidade...

Contudo o que a humanidade tem de cruel ou mesquinho não creio que seja próprio da sua natureza. O homem, a despeito da opinião dum sacerdote que um destes dias se me fez ouvir, tem tendência a tornar-se melhor desde as primeiras civilizações até agora. Bastava lembrarmo-nos que a escravatura é para nós uma incongruência do passado, que as guerras de conquista provocam o horror de toda a gente e que as lutas religiosas, as mais bárbaras e cruéis de todos os tempos, seriam hoje impossíveis.

Não se verifica isto exactamente? Ainda há

povos ambiciosos, gente exploradora de gado humano, fanáticos enraivecidos? Talvez; mas a mim basta-me que o ideal de bondade e de independência exista e que o resto seja considerado crime. Daqui se parte para o campo das realizações.

Assim também, se a maioria das raparigas de hoje ainda tiver aquelas qualidades que tantos lhes censuram e tantos lutam por lhes conservar —e citá-las seria ocioso—a mim basta-me que apareça uma mulherzinha de 15 anos clamando repulsa pelo Mal. E' que tenho esperança que o seu grito será acompanhado tácitamente por outras raparigas. Não seria em vão que nestes últimos anos tanto se teria activado o esforço no sentido de restituir à Mulher o domínio das suas atitudes, a posse da sua personalidade. E' que a natureza feminina, ao assumir a plena responsabilidade dos seus deveres e a consciência dos seus direitos, ao revelar-se livremente, havia de se apresentar, como é, compassiva e boa, severa e justa.

Como ceguinha, durante séculos a mulher se deixou levar apoiada no braço do homem, para o bem e para o mal—regosijando-se com os seus triunfos, sem reparar nas vítimas que a elles eram imoladas; chorando se elle tombava vencido, sem saber se a causa era bela. E não pensava que as suas orações eram uma iniquidade quando rezava pela vitória do senhor sobre os servos revoltados; que a esmola de que esperava juros não compensava o suor à custa do qual fruía o prazer de dar.

Mas a certa altura (há quem diga que a Grande Guerra realizou a operação) a mulher começou a vêr. Os resultados, porém, não foram em todas os mesmos. Umias ficaram ofuscadas, perderam o equilibrio, tropeçaram, caíram; outras apavoraram-se, encheram-se de medo de andar sozinhas e, voltando a cerrar os olhos, retomaram o apoio que tinham; outras, ainda, viram mas não acreditaram e andam desvairadas, buscando o caminho do céu, desprezando as realidades deste mundo... Só algumas, poucas mas as mais fortes, caminham serenas, em frente sempre, através dos tojos, dos calhaus, da poeira. Nada as desvia nem tolhe. As feridas cicatrizam depressa e por si formam um escudo. Elas não precisam de lutar para tornar os outros melhores, redimir almas, resgatar pecados. Basta que, por si próprias, sejam boas, puras, verdadeiras.

A perfeição que conseguirem realizar em si será um forte coeficiente na perfeição geral. E estas coisas às vezes pegam-se... Portanto, continue a ser boa Hanid, não desanime; que o turbilhão da maldade presente a não arraste. Deixemo-lo passar e confiemos...

Tudo vale a pena...

ALICE